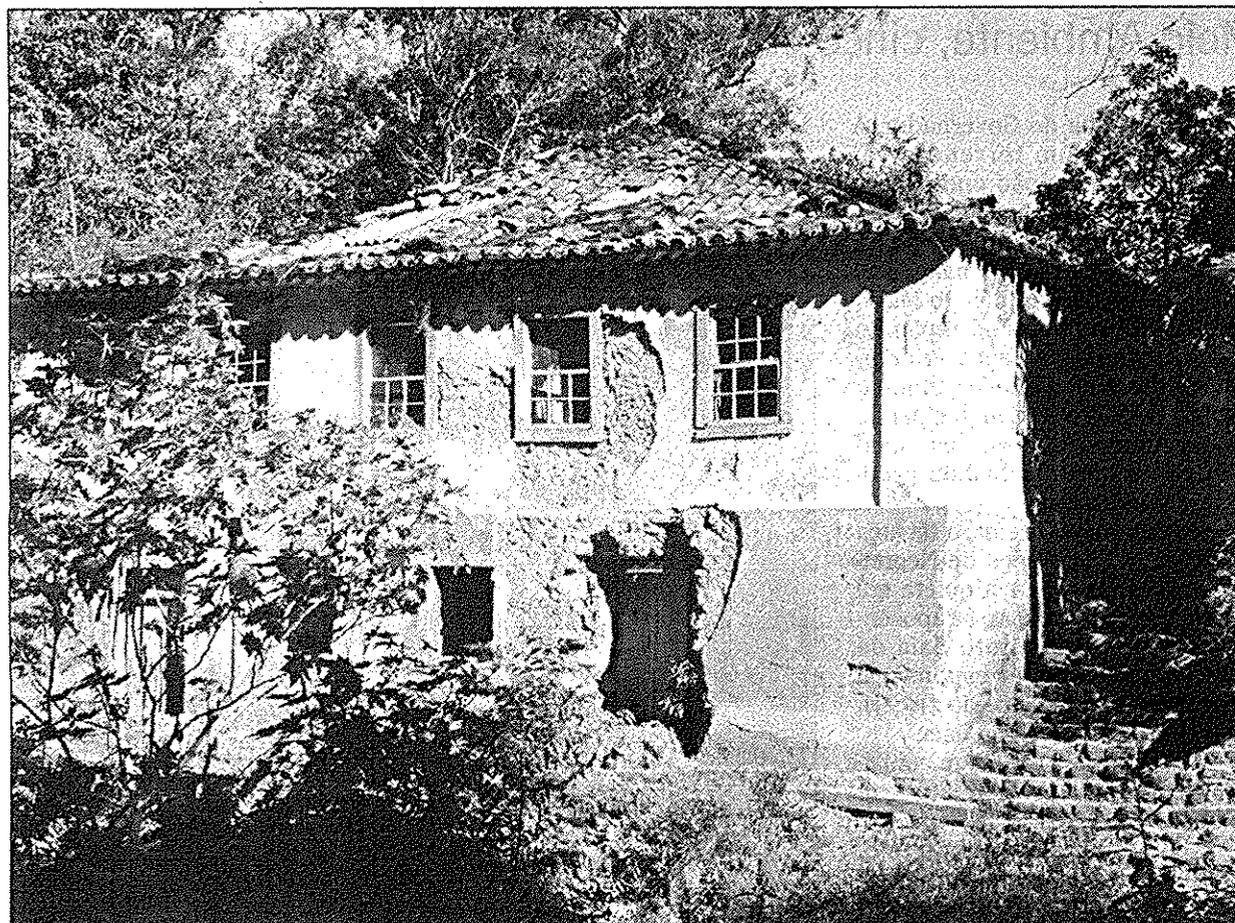


# Passado do Rio enterrado na Floresta da Tijuca

Pesquisadores do Museu Nacional vão escavar ruínas de antigas fazendas de café localizadas na área do parque nacional

Frederico Rozário



CASARÃO NA MATA: a casa grande de uma antiga fazenda será restaurada para sediar o Museu de Arqueologia

Daniela Matta

• As chuvas que desabaram sobre o Rio no verão de 96 não deixaram como saldo apenas inundações e deslizamentos. Além das toneladas de pedra e terra, a enxurrada remexeu no passado enterrado sob a cidade. Mais de um ano depois, este material começará agora a ser resgatado. No início desta semana, pesquisadores do Museu Nacional receberam autorização do Governo federal para realizar escavações arqueológicas numa das áreas do Rio mais afetadas pelas chuvas: o Parque Nacional da Tijuca.

Os sete quilômetros da floresta onde a vegetação foi completamente destruída serão justamente o primeiro ponto pesquisado. A terra revolvida acabou trazendo à tona objetos e marcas de antigas construções. Nesses sete quilômetros — que incluem ruínas de oito antigas fazendas de café —, os arqueólogos esperam encontrar e salvar peças usadas nos séculos XVIII e XIX. Um muro de pedra que há quase um século estava escondido sob um aterro foi uma das revelações feitas pela

água. Ele fica diante da casa de uma das antigas fazendas, que será restaurada e transformada no Museu de Arqueologia. Um espaço para exposições permanentes dos objetos encontrados.

— Trabalhar neste ponto é fundamental. Temos que avaliar as ruínas afetadas e fazer um trabalho de salvamento das peças — afirma Rhoneds Perez, arqueóloga do Museu Nacional e coordenadora do projeto.

## Escavações podem durar até um ano

A procura começará em dois meses e pode levar até um ano para ser concluída. O trabalho de escavação acabou sendo facilitado pela chuva, que arrancou pelo menos 140 mil árvores e revirou a terra, permitindo que os arqueólogos estudem áreas que antes estariam vetadas por serem de proteção ambiental.

A equipe de pesquisadores do Museu Nacional começou a trabalhar na floresta há dois anos. Durante este tempo, eles fizeram um levantamento e organizaram o acervo formado pelo pesquisador Carlos Manes Bandeira, que

durante décadas trabalhou na floresta. São quase cinco mil objetos, como louças inglesas, instrumentos utilizados no plantio do café e peças de vestuário. O objetivo das escavações é vasculhar as áreas que não chegaram a ser estudadas por Bandeira.

O Parque Nacional da Tijuca chegou a ter, segundo Rhoneds Perez, mais de 20 fazendas de café. A maioria já foi identificada, mas poucas estão de pé. Um dos desafios dos arqueólogos agora é mapear a estrutura das fazendas, identificando as senzalas, depósitos de lixo e a casa grande.

Além da retomada dos trabalhos arqueológicos, a administradora do parque, Sônia Peixoto, está lançando uma série de outros projetos para revitalizar a área. Ainda neste mês, por exemplo, começa a ser construído o Centro de Visitantes, que terá um espaço para exposições, vídeos e funcionários que poderão dar orientações sobre a floresta. Outra idéia que pode sair do papel nos próximos meses é a transformação de uma antiga fazenda, que hoje abriga um restaurante, em centro cultural. ■